



MENINAS E FUTEBOL: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Mariana Malta

O objetivo deste trabalho é relatar a relação das meninas com o futebol no espaço da Educação Física Escolar em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Rio Acima, Minas Gerais. Foram utilizadas observações, conversas individuais e um curta que foi discutido entre meninos e meninas. Concluiu-se que o olhar das meninas sobre o futebol ainda é de não pertencimento, entendendo que esta relação está em construção e que, cada vez mais, haverá uma abertura para as mulheres no universo do futebol, a começar pela escola, nas aulas de Educação Física.

1. INTRODUÇÃO

Em 2008, comecei a lecionar a disciplina de Educação Física numa escola municipal de 5^a a 8^a série do ensino fundamental na cidade de Rio Acima, região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Quando cheguei à escola, as turmas eram divididas entre meninos e meninas, nas quais eu seria a professora das meninas e o outro professor, dos meninos. Não entendi, inicialmente, o motivo dessa separação, mas aceitei por não ter outra opção. As respostas dadas pelo diretor ao ser questionado sobre a divisão de meninos e meninas não eram convincentes e se baseava na “cultura” da escola e da cidade. Ele dizia que “já fazia parte da cultura da escola” e que já era assim há muitos anos”.

As aulas eram ministradas na quadra da cidade e no campo de futebol, onde havia também, uma mesa de ping-pong, devido a falta deste espaço na escola. Duas turmas eram unidas para que se obtivesse um número aproximado de 35 meninas e 35 meninos. Como dividíamos o mesmo local, o professor e os meninos, na maioria das vezes, ficavam na quadra jogando futsal e as meninas, no campo, jogando ping-pong, vôlei ou apenas sentadas escutando música. A quadra também era dividida com as meninas que gostavam de jogar handebol. Observava que alguns meninos não jogavam futsal e se juntavam com as meninas no campo. Eram raros, para não dizer inexistentes os momentos em quem meninos e meninas compartilhavam de uma mesma atividade. A divisão entre os gêneros era clara e bem demarcada. Percebia que as meninas não se opunham ao futebol dos meninos. Era como se existisse um acordo entre eles e “naturalmente” ao descenderem para a área da aula, os meninos já se encaminhavam para a quadra e as meninas para o campo.



Em 2009, houve uma mudança na direção da escola e uma diretora assumiu a gestão. Numa conversa com o outro professor, decidimos que queríamos ministrar as aulas para turmas mistas, pois considerávamos que a Educação Física Escolar deveria ser um espaço de construção de saberes e não de exclusão ou de imposição de um grupo no horário das aulas. Sabíamos que teríamos resistência por partes dos alunos que já estavam acostumados com as aulas separadas por sexo, mas estávamos dispostos a assumir os riscos.

Segundo KUNZ (1993), citada por ALTMANN (1998),

a prática conjunta de meninos e meninas, é uma das mais difíceis tarefas da Educação Física. Ao estudar a construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais e dos papéis sociais, ela afirma que, no contexto escolar, a Educação Física constitui o campo onde, por excelência, acentuam-se as diferenças entre homens e mulheres. No entanto, argumenta que, sendo de ordem cultural, as construções do feminino e do masculino podem ser reencaminhadas na perspectiva de superação das dificuldades de relacionamento entre os sexos e de busca de igualdade social. (ALTMANN (1998,p.2).

Mesmo com a união de meninos e meninas nas aulas, percebi que a separação ainda era evidente, principalmente quando o assunto era futebol. Poucas alunas se interessavam ou mesmo se arriscavam a jogar, quer seja com os meninos, num jogo misto, quer seja, somente elas.

Neste sentido, decidi voltar o meu olhar para as meninas e a relação das mesmas com o futebol sendo que o objetivo deste trabalho é relatar a relação das meninas com o futebol no espaço da Educação Física Escolar de uma escola municipal em Rio Acima.

Para realizar este trabalho, utilizei-me de observações, especificamente, nas aulas que denominava de “livre”, onde levava vários materiais para a quadra e os alunos e alunas se dividiam nas suas preferências. Conversas individuais e um curta da Rede Minas falando sobre a relação das meninas com o futebol também foram utilizados.

Este curta conta a história de Rita, uma adolescente do interior de Minas Gerais que adora jogar futebol e por isso adquiriu muita habilidade no jogo, o que segundo DAOLIO (2008) é incomum no caso das meninas, que se sentem na condição de “antas” quando tem que realizar atividades que exigem força, velocidade e destreza.



A primeira cena do curta, mostra a personagem de Rita, quando criança, com uma boneca na mão dizendo: “Meu pai dizia que no Brasil, se nasce homem é jogador de futebol, se nasce mulher é princesa. Mas quem disse que princesa não pode jogar futebol?” e em seguida quebra a cabeça da boneca e joga no chão fazendo uma bola, mostrando que o futebol é um fenômeno social, culturalmente demarcado pelo masculino, mas que tem espaço para o feminino também.

A relação da personagem principal com sua mãe surpreende pela não imposição da mesma quanto a vontade da filha de querer jogar futebol, ao mesmo tempo em que o pai de uma outra personagem, presenteia a filha com uma chuteira rosa.

Perguntei aos meus alunos se essa situação era comum e quais presentes eram mais comuns para meninos e meninas. Eles me responderam que não era muito comum e que os presentes mais comuns para meninas era boneca, secador de cabelo, roupas e para meninos era bola, carrinho, entre outros, o que concorda com DAOLIO (2008) quando o autor fala dos hábitos corporais de meninos e meninas. Segundo o mesmo,

Sobre meninos, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e o estimulam aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em árvores, carrinho de rolimã, *skate*, bolinha de gude, bicicleta, taco, etc), porque, segundo as mães ficar em casa vai atrapalhar. (DAOLIO, 2006, p. 76).

Continuando, DAOLIO (2006) fala que em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados.

As meninas ganham de presente, em vez de bolas, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos para não se sujarem e não suarem. Portanto devem ficar em casa, a fim de serem preservadas das brincadeiras “de menino” e ajudarem as mães no trabalho doméstico, que lhes serão úteis futuramente, quando se tornarem esposas e mães. (DAOLIO, 2006, p. 76-77).

Sobre o ser “de menino” e o ser “de menina”, o curta mostra uma cena em que a personagem Rita pergunta à secretária se na escola, na qual ela estava fazendo matrícula teria time de futebol feminino. Com um riso irônico a secretária responde que na escola, para meninas teria vôlei, basquete, dança, “coisa que menina faz”.



Perguntados sobre esta questão, os alunos responderam que não existe esta separação e que todos, meninos e meninas podem fazer o que quiserem. Mas na prática não é isso que observo. A dança ainda é um conteúdo muito difícil de ser trabalhado com os meninos pelo estigma cultural de que o homem que dança é homossexual. Assim como alunas que jogam futebol são estereotipadas como lésbicas e recebem vários apelidos como “Maria-chuteira”, “Maria- homem”, etc.

Por outro lado percebo preconceito também com os alunos que não gostam de futebol. “Como pode um menino não gostar de jogar futebol” numa sociedade em que este esporte está tão arraigado? De que maneira podemos modificar o espaço da Educação Física Escolar que está diretamente ligado ao futebol no olhar dos meninos, para que se torne um espaço mais democrático, de inclusão? São algumas questões que permeiam a minha prática diária.

Em um estudo intitulado “Os jovens e a produção do futebol na cidade: Apropriações, sociabilidades e aprendizagens”, Eliene L. FARIA e Júlio César Mendes FONTES (2008) afirmam que:

o futebol é uma prática cultural muito presente no cotidiano brasileiro, especialmente no dia-a-dia dos jovens do sexo masculino. E como espaço do masculino - e, portanto, de veiculação de modelos hegemônicos de masculinidade a serem aprendidos nas relações entre meninos, jovens e homens -, nos contextos de produção do futebol, exaltam-se qualidades como força, destreza, astúcia, virilidade, agressividade, e um misto de respeito à regra e insubordinação. (FARIA; FONTES, 2008, p.158).

Neste mesmo estudo, os autores discutem as relações de gênero através das concepções de Scott (1995) e Louro (1995). Segundo os mesmos, o gênero para Scott é uma construção social e cultural, constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e para Louro, o gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais.

Trazendo para o contexto escolar, Faria e Fontes (2008) retratam que

nas aulas de Educação Física jovens do sexo masculino e feminino “participam” das práticas de futebol, e as relações de gênero ficam evidentes: há conflitos na constituição de grupos mistos para o futebol, onde os meninos dizem que as meninas “avacalham” o jogo e por outro lado, elas dizem que os meninos as machucam e não as deixam jogar.(FARIA; FONTES, 2008, p.159).



DAOLIO (2006, p.74) considera que “há uma construção cultural do corpo definida e colocada em prática em função das especificidades culturais de cada sociedade”. Segundo o autor, a cultura está tão arraigada e a força de um determinado valor ou costume é tão forte que para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, pressupõe ir contra uma tradição. Implica ser chamada de “machona” pelos meninos ou ser repreendida pelos pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola em questão, mesmo as aulas sendo mistas e planejadas de forma a contemplar um maior número de conteúdos da Educação Física, percebe-se ainda assim uma hegemonia masculina nas aulas. As meninas, muitas vezes, são excluídas das brincadeiras e não podem nem chegar perto da área demarcada pelos meninos com pena de serem “xingadas” ou de levarem várias boladas. Por outro lado, em algumas turmas já observo uma inclusão das meninas num jogo misto, mesmo que ainda tímido, colocando as meninas no gol, ou ainda chutando mais fraco para não machucar. Em outras turmas já vejo uma mobilização das alunas pelo futebol.

Entretanto mesmo assim, o olhar das meninas sobre o futebol ainda é de não pertencimento. Entendo que esta relação está em construção e que cada vez mais haverá uma abertura para as mulheres no universo do futebol, a começar pela escola, nas aulas de Educação Física. Concordo com Daolio (2006, p.82) quando ele afirma que vislumbra uma educação física escolar sem preconceitos que propicie a todos e a cada um o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

FARIA, E.L.; FONTES, J.C. **Os jovens e a produção do futebol na cidade. Apropriações, sociabilidades e aprendizagens**. In: DEBORTOLI, J. A. et al. **Infância na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.147-173.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias e homens na Educação Física**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 1998.

CURTA BRILHANTES F.C. Disponível em <http://www.tvbrasil.org.br/fictv/brilhante-fc>. Acesso em 20 maio.2010.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Rua Herculano Pena, 754, apto 404, Nova Suíça, Belo Horizonte, Minas Gerais. CEP:
30550-010

marimalta2004@yahoo.com.br

Para apresentação do trabalho: data show